ANO II — N.º 421 PREÇO, 2 CENTAVOS Sexta feira, 28 de Maio de 1920

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Talhaba — Lisboa* • Telefone: 7
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A ACÇÃO DA C. G. T.

Relatório do Comité Confederal

A apresentar ao Conselho Confederal na sua reünião de 31 do corrente mês

Presados comaradas.—A circunstância, muito importante, de entre nós se ter criado a Confederação Geral do Trabalho deve ser tomada na máxima consideração para o efeito de bem se avaliar do esfôrço gasto pelo Comité Confederal para a pôr a funcionar, dando assim cumprimento à mais importante resolução do Congresso de Coimbra.

Aconteceu, e acontece ainda, mau grado nosso, o que sucede com todos os organismos novos e complexos. Lançadas as bases da Confederação, urgia pô-la a funcionar. Mas, por muito grande que fôsse a vontade do Comité, faltava-lhe a competência, e só o decorrer do tempo e a experiência o teem colocado em condições próximas de bem se desempenhar do encargo que lhe foi cometido pelo II Congresso.

Os necessários trabalhos preliminares de organização, acumulados com a manutenção das relações confederarais, que imediatamente se sucederam ao Congresso, e ainda a necessidade imediata da intervenção confederal em questões de ordem diversa, tomaram a maior parte do tempo a êste Comité.

Alguns dos actos que realizou ou em que interveio eram da competência das secções confederais, ou mesmo do conselho. Mas, procedendo assim, o Comité teve em vista ser útil à organização em tudo que lhe permitissem as suas fôrças, suprindo de algum modo uma falta cuja responsabilidade só pode ser atribuida às organizações, que não corresponderam imediatamente aos votos formuladas no Congresso, nem sequer ao chamamento, repetidas vezes feito, do Comité Confederal, para regularizarem as suas adesões.

A orientação do Comité Confederal

Uma das primeiras resoluções do Comité foi a de fixar a data para a reünião do Conselho Confederal. E assim, em 8 de Outubro, menos de um mês após o Congresso, convocava o referido conselho para o dia 1 de Dezembro, por meio de uma circular—a n.º 1—em que ao mesmo tempo se elucidavam todos os organismos sôbre as condições de adesão.

O Comité Confederal, enviando aquela circular, não a julgava contudo suficiente. Tratava-se duma instituição nova entre nós, de constituição e funcionamento diferentes da U. O. N., e, por isso mesmo, era necessário que, a acompanhar e a reforçar aquela circular, fôsse feita a necessária propaganda verbal tendente a integrar os organismos sindicais de todas as localidades na vida confederal.

Bem sabia o Comité que ao Congresso de Coimbra havia acorrido a grande maioria dos Sindicatos, Federações e Uniões e que os respectivos delegados apresentariam os seus relatórios.

Mas a experiência demonstra que nem sempre êsses relatórios são o bastante para que todos os organismos recebam o espírito das resoluções dum congresso. Havia, portanto, a necessidade de esclarecer certas dúvidas e obscuridades que se apresentam sempre que se está em face duma coisa nova.

Por outro lado, era necessário aproveitar o entusiasmo que o Congresso despertou e ganhar tempo para se pôr a funcionar a Confederação rápidamente, a fim de que a sua influência na vida social logo principiasse a ser exercida proficuamente.

Missão especial organizadora e de propaganda

Por tais motivos resolveu o comité enviar à província o secretário geral, que se desempenhou dessa missão junto dos organismos de Lagos, Portimão, Faro, Olhão, Beja, Evora, Vendas Novas, Coimbra, Aveiro, Pôrto, Póvoa de Varzim, Viana-do-Castelo, Braga, Guimarães, Chaves, Viseu, Guarda e Covilhã.

Em Lagos encontrou o delegado sem existência real a União dos Sindicatos respectiva. Esforços foram empregados para se lhe restituir vida, e nesse sentido uma comissão foi nomeada com o fim de a reorganizar, embora êsses trabalhos resultassem improficuos, como mais tarde se verificou, com bastante mágua do comité confederal.

Em Portimão, onde outrora existiu uma organização pujante, estava esta reduzida apenas ao sindicato da construção civil, único organismo que ainda subsiste, apesar de outras classes existirem que poderiam estar igualmente organizadas.

Em Beja, onde já por esfôrço da extinta U. O. N. se haviam iniciado os trabalhos necessários para a organização da respectiva União de Sindicatos, ficou esta definitivamente constituida e a exercer uma grande actividade social.

Em Vendas Novas foi inaugurada a União dos Sindicatos, que logo principiou a funcionar regularmente.

Em Coimbra, onde as desavenças entre os militantes tanto teem prejudicado o desenvolvimento da organização operária do centro do país, estava a União dos Sindicatos readquirindo uma certa fôrça e homogeneidade, sendo-nos grato registar que essa tendência se tem acentuado nestes últimos meses.

Em Viana-do-Castelo estava quási sem vida a União dos Sindicatos. E' das localidades onde a organização luta com maior falta de elementos com os recursos indispensáveis para manter a organização em actividade constante.

Em Braga não existia União de Sindicatos. Contudo reuniram-se as direcções dos seguintes sindicatos: chapeleiros, construção civil, empregados de hoteis e restaurantes, metalúrgicos, manipuladores de pão, fabricantes de calçado, Liga das Artes Gráficas e Marceneiros. Não se fizeram representar as Associações dos Caixeiros, Cocheiros, Canteiros e Pessoal do Município. E estavam desorganizados, tendo tido já associação, os alfaiates, barbeiros, agricultores-caseiros, costureiras e carpinteiros.

Uma localidade como esta, capital de distrito, onde existe um número relativamente elevado de sindicatos não poderia continuar em tal situação prejudicial à organização geral e ao operariado local. Nestas circunstâncias impunha-se a organização da União dos Sindicatos. E, assim, depois e a seguir à palestra, foi nomeada uma comissão encarregada de organizar aquele organismo central, comissão que foi constituida pelos camaradas António Joaquim de Carvalho, dos chapeleiros; Domingos Araujo Vieira, da construção; Joaquim Vicente Ferreira, dos hoteis e restaurantes; João Coelho, dos metalúrgicos; Manuel Soares, dos manipuladores de pão; Joaquim de Oliveira Quintas, dos fabricantes de calçado; António Jorge Timóteo, das artes gráficas, e José Duarte Pregueiro, dos marceneiros. A comissão desempenhou-se logo do seu mandato e, com algumas alternativas, tem aquele novel organismo prosseguido no desempenho da sua função, não tam completamente como seria para desejar, devido à manifesta falta de militantes activos, mas, em todo o caso, dando as melhores esperanças, pôsto que existem boas vontades.

Em Chaves existe a União Operária Trasmontana. Organismo primitivamente de classes mistas, a U. O. T. chegou em certa época quási a transformar-se em União de Sindicatos, em virtude de algumas das classes que a compunham, pelo seu relativamente elevado número de componentes, chegarem quási a constituir-se em sindicatos autónomos e a U. O. T. ser o elo que os unia.

Mas, dissenções intestinas e o desaparecimento de certos militantes activos, reduziram-na quási só às classes da construção civil.

Da palestra realizada e conseqüente troca de impressões, resultou a nomeação duma comissão para a reorganização da Associação dos Manufactores de Calçado e a indicação para que idêntico trabalho fôsse em breve executado em relação a outras classes.

Através das duas Beiras

Viseu nunca havia sido visitado por qualquer militante revolucionário. Aparte alguns elementos e êstes dos empregados do comércio, entre os quais se encontra o camarada Elisio Esteves, que adquiriram conhecimentos sociais e sindicais pela leitura, os restantes, depois duma rápida análise, pouco conhecem da acção sindical e revolucinária.

Existem várias associações quási sem vida e as que alguma possuem sofrem da influência do meio, ambiente saturado de conservantismo.

Contudo, como as condições de vida económica são lá pesadas como em todo o país, há, por parte das diversas classes operárias, o natural desejo de se organizarem e só o não fazem tam rápida e completamente por falta de quem as oriente.

Assim mesmo, das classes que não estavam organizadas—metalúrgica, mobiliária e gráfica—saíram comissões com o fim de encetarem os necessários trabalhos para aquele fim, com o auxílio directo e imediato da Associação dos Empregados do Comércio, que para tudo será auxiliada pela C. G. T.

Na Guarda, onde há elementos entusiastas e em número relativamente grande, existe apenas uma associação mista, não animada do espirito de classe. Contudo, foi nessa cidade onde a autoridade mais se arreceou da palestra anunciada. Como quere que se fizesse constar que uma revolução iria estalar em breve, tal boato adrede lançado com o fim de encobrir ou justificar qualquer pavorosa, deu ensejo a que o governador civil do distrito da Guarda ordenasse a prevenção de 380 homens, da polícia, etc., ao saber da chegada do representante da C. G. T., fazendo as mais ridículas ameaças e tendo logo proíbido que a palestra se realizasse.

Tam ridículo foi aquele acto que todo o povo, ao conhecê-lo, comentou-o picarescamente, de mistura com os mais acerbos comentários, do que resultou uma reconsideração por parte da autoridade e assim é que a palestra no dia imediato era permitida, com a presença da mesma, a qual quási a cada palavra interrompia o conferente, mas com tanta infelicidade que acabou por se calar...

Na Covilhã, além da Associação dos Operários das Indústrias Texteis, acabava de se organizar a Associação da Construção Civil, tendo-se realizado na ocasião um importante comício público.

O comité confederal reputou da maior importância a ida do delegado pelas duas Beiras. Era necessário auscultar Viseu, na Beira Alta; conhecer a Guarda, na Beira Baixa, a fim de estabelecer relações entre aquela cidade e a Covilhã, para, com o auxílio da C. G. T., se encetar uma propaganda contínua de organização entre os numerosíssimos operários de dezenas de fábricas que existem naquela região.

Conseguiu-se aquele objectivo. E agora que se efectua a primeira reünião do conselho confederal e que os organismos aderentes não estão integrados na vida confederal, só resta dar execução ao que está convencionado.

Nas restantes localidades a vida sindical decorria normalmente, notando-se, contudo, uma acentuada falta de militantes com capacidade e faculdades de trabalho, mal profundo que impede que a organização se desenvolva tam rapidamente como seria nosso desejo.

E' um mal que tende a desaparecer, pela criação e desenvolvimento das Juventudes Sindicalistas—o que implica a necessidade de se lhes dedicar toda a atenção e carinho.

(Continua)

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Os campónios residentes numa aldeia dos arredores de Sevilha perpetraram há dias o crime de fogo pôsto, incendiando as propriedades dum lavrador. ¿Que fizera êste para assim concitar os ódios dos compónios? Adquirira ceifeiras mecânicas e começára a utilizá-las. Era o primeiro da região que punha a funcionar aqueles engenhosos aparelhos. Os camponeses alarmaram-se. Haviam procurado impedir a vinda das ceifeiras mecânicas, que cada uma delas, executando a tarefa de muitos homens, atira para a miséria um punhado de rurais, privados de trabalho. Propalaram ameaças tétricas contra o primeiro dos lavradores que ousasse pôr em acção os engenhos malditos. Um lavrador mais desimportado ousou. Foram os rurais e reduziram-lhe a cinzas a bemfeitoria. Certo é que, em meio de toda a já complicada e opulenta *outillage* agricola, destacam-se as ceifeiras como um dos mais bem-imagidos aparelhos. Elas susteem, por meio dos seus enormes braços, os lios de caules sazonados; cortam-nos cerce; enfeixam-nos, atam-nos; e depositam-nos finalmente sôbre o terreno, a distâncias iguais, tudo isto realizado duma maneira harmónica, regular, quási raciocinada. Quando a ceifeira funciona em terras planas, o seu trabalho é irrepreensível; e, sem dúvida alguma, o emprêgo de cada ceifeira põe à margem, por inúteis, meia dúzia de rurais, cujo lento trabalho à foice é dispensado. Sabiam tudo isto os campónios dos arredores de Sevilha que há dias botaram fogo à fazenda do lavrador afeito à moderna maquinária. ¿Legítimo o gesto? Sabe-se lá... Uma perspectiva de fome justifica tudo. E destruir parece ser agora a mais prestável de todas as tarefas. Não destruir as máquinas: destruir sim as instituições sociais que tornam em instrumentos de tortura as fontes de bem estar que elas, as máquinas, essencialmente são.

Profeito de Carvalho

Em volta dum conflito

Há sete longas semanas que os tipógrafos da maioria dos jornais diários de Lisboa estão em luta com os respectivas empresas, as quais são orientadas pelos srs. Manuel Guimarães, director de *A Capital*, e Luis Derouet, um dos proprietários de *A Manhã* e que é simultâneamente director geral da Imprensa Nacional, co-proprietário duma dessas agências de anúncios que escrevem e mandam todos e quaisquer comunicados pagos para os jornais e que é ainda sócio duma fábrica de moagem e, portanto, moageiro também. Sôbre tudo isto, é o sr. Derouet republicano histórico e tem rosto glabro, isto é, não tem pêlos na cara, o que não quere dizer que os não tenha no coração.

Não está do lado das empresas jornalísticas a fôrça da razão, mas está a razão da fôrça, nanja que as referidas empresas apossuam de sua própria conta, porque nisso, como na moral que prégam, são elas extremamente pobres, mas porque o govêrno tem sido solícito em prodigalizar-lhes, além do resto, soldados-tipógrafos e polícias, mercê do que hão logrado fazer saír parte dos jornais, quebrando por suas próprias mãos o *lock-out* com que responderam à greve feita pelos quadros nos jornais da tarde, no que revelaram mais uma vez a sua proverbial inconsequência.

Os tipógrafos, esses é que teem lutado com as próprias armas, sem pedirem protecção aos governantes e até sem terem solicitado das outras corporações operárias a sua solidariedade material, o que não quere dizer que esta não lhes deva ser dada, que bem dignos são dela os homens que tam dignamente teem sabido resistir através tam grande período.

Não sabemos nós se os tipógrafos das casas de obras, colegas dos que ora lutam briosamente, já se aperceberam de que está em jôgo uma regalia que há pouco conseguiram. Se disso se aperceberam, e como são muitos, pódem, se ámanhã se não quizerem queixar do seu próprio desinterêsse, concorrer para que os seus camaradas continuem a resistir aos comuns adversários, e para isso basta que cada um arranque à sua féria o correspondente a meio-dia de trabalho.

Não irá nisso um sacrifício com que não possa arcar um homem de boa-vontade.

Na Noruega

O congresso socialista vota uma moção de carácter bolxevista

CRISTIANIA, 25.—O congresso nacional socialista votou por 285 votos contra 30, uma moção de carácter bolxevista.—H.

A SOLIDARIEDADE DOS TRABALHADORES

POR CIMA DAS FRONTEIRAS

O que se passou com o ministro de Espanha e os delegados da C. G. T. de Portugal a propósito da repressão do govêrno espanhol

Do relatório que o comité da Confederação Geral do Trabalho Portuguesa apresentará no próximo dia 31 ao Conselho Confederal, destacamos para êste lugar a parte em que o mesmo comité se ocupa das relações internacionais, na qual se descreve o que se passou há dias com o ministro plenipotenciário de Espanha e uma comissão delegada da nossa C. G. T., a propósito das perseguições que o govêrno daquele país está exercendo contra o respectivo operariado organizado:

Mantendo o espírito da conclusão 2.ª da tese sôbre relações internacionais, votada no Congresso de Coimbra, o Comité Confederal tem sustentado as melhoras relações internacionais com a Espanha, França, Itália, Brasil, Argentina, etc.

A extinta U. O. N. convidou, além da C. C. T. francesa, a C. N. T. de Espanha a fazer-se representar no II Congresso Nacional Operário, tendo esta enviado um delegado, que por motivo das sucessivas transferências do Congresso de Coimbra não pôde ao mesmo assistir.

Por sua vez, aquele organismo espanhol, realizando o seu congresso a principiar em 10 de Dezembro, enviou à C. G. T. portuguesa igual convite, pelo que o Comité Confederal mandou a Madrid o secretário geral, conforme se verifica do relato pelo mesmo feito nos n.os 290, 291, 293, 296 e 299 do nosso órgão *A Batalha*, onde se expõe o que foi aquele congresso, sob todos os pontos de vista importante.

Independentemente dêsse trabalho, conseguiu o nosso delegado estreitar mais ainda as nossas relações fraternais com o operariado espanhol, tendo assente as bases genéricas duma futura confederação latina, cujas células iniciais são compostas pelos organismos dos dois países, e que se está estendendo aos restantes países latinos.

Acordos de solidariedade teem sido tomados já pela Itália, França, Espanha e Portugal, um dos quais se relaciona com as medidas governamentais de repressão exercidas em Espanha, a propósito da expansão dos organismos operários e da acção desenvolvida pelos seus militantes mais activos.

E' intuitivo que a perseguição, ainda a mais feroz, que os govêrnos exercem sôbre a classe trabalhadora é determinada pelo interêsse em que subsistam os direitos priveligiados do patronato.

Nestas circunstâncias, toda a actividade revolucionária das massas escravisadas deve ir, de preferência, contra os interêsses capitalistas. E, assim, para de algum modo, mas com eficácia, se fazer sentir a pressão internacional dos trabalhadores contra oa patrões que promovem ou sugestionam medidas de repressão, foi convencionado entre a França, Itália e Portugal prestar o seu leal concurso em favor dos trabalhadores perseguidos de Espanha, concurso solidário que ia até à declaração do *boycot* aos produtos procedentes daquele país.

O Comité, tendo embora em consideração a deficiência de produtos do país, comprometeu-se a contribuir para aquele acto de solidariedade, que estava plenamente justificado com a violência da repressão de que eram vítimas os camaradas espanhoes.

Havia já resolvido, em harmonia com o acôrdo estabelecido, notificar ao representante diplomático de Espanha em Portugal a resolução tomada, quando alguns jornais deram publicidade ao referido acôrdo.

Tal facto não impediu que uma comissão dimanada do Comité fôsse entregar ao ministro de Espanha o seguinte documento:

A Confederação Geral do Trabalho Portuguesa, sciente dos atropelos e perseguições exercidas pelo govêrno de Espanha contra os organismos operários e seus componentes mais considerados por motivo das coligações que efectuam para melhorarem a sua situação económica, em nome dos princípios de liberdade e dos sentimentos de humanidade, para os quais jámais pode haver fronteiras, vem perante v. ex.ª, como representante do govêrno de Espanha, em Portugal, exarar o seu veemente e sentido protesto.

Outrosim pede a v. ex.ª se digne transmitir ao seu govêrno que a organização operária portuguesa, representada por esta Confederação, espera que em breve sejam reabertas as associações operárias actualmente encerradas e restituidos à liberdade os operários encarcerados sem culpa formada.

A não observância dos desejos acima expressos determinará, ex.mo sr. ministro, a execução de especiais medidas, por parte da organização operária portuguesa para que em Portugal não dêem entrada quaisquer produtos procedentes de Espanha.

Ex.mo senhor: Não é uma exigência intempestiva o que fazemos—é apenas um acto de justiça e de Humanidade o que reclamamos.

Aquele diplomata, a quem êste documento foi lido, achou que a palavra *atropelos*, constante da representação, era demasiadamente pesada, tanto mais que o govêrno espanhol não cometia tais atropelos, pôsto que «as relações entre o govêrno e as classes operárias eram as melhores». Tanto por aquela palavra como porque o documento encerrava uma ameaça, s. ex.ª não se julgava autorizado a tomar conta dele e muito menos enviá-lo ao seu govêrno, argumentando que, assim como um chefe de família, na sua casa, não admitia a intervenção de pessoas estranhas quando o estivesse a castigar a esposa ou os filhos, assim também o govêrno de s. majestade não admite qualquer interferência com o fim e nos termos em que aquela era feita.

Objectou-lhe a comissão, entre várias coisas, que a intervenção da C. G. T., altamente humanitária, só tinha por fim coagir o patronato espanhol a não ser cruel e desumano e a conseguir do govêrno mais respeito pela vida dos operários, objectivos estes que não brigam com a soberania daquela nação.

Não se deu por convencido aquele diplomata, declarando entretanto que ao seu govêrno transmitiria o resultado da conferência que acabava de ter com a comissão.

O comité confederal deu-se por satisfeito com o resultado da *demarche*, cujo objectivo estava conseguido.

Posteriormente foi comunicado ao comité que a situação, pelo que aos presos se refere, havia melhorado um pouco em Barcelona, havendo esperanças de que até ao fim de Maio fossem restituidos à liberdade os restantes e normalizada a situação.

Eugénio Varlin

Foi um dos grandes mártires da Comuna de Paris. Faz hoje 49 anos que o fuzilaram. Tomou uma parte muito activa e bateu-se por êsse movimento insurreccional, nitidamente operário, que tam calaniado tem sido pelos retrógrados de toda a espécie, e também desdenhado por alguns revolucionários, que mais não sabem fazer que criticar malévolamente o trabalho sincero dos outros.

Eugénio Varlin

Para a época em que êle irrompeu, o movimento comunalista de Paris, constituiu um golpe audacioso, demonstrando já uma firmeza e um certo grau de consciência do operariado, que tentava um primeiro esfôrço para a transformação da sociedade.

Como se sabe, foram muitas, milhares mesmo as vítimas que a sua queda arrastou, mas uma das mais conscientes e dedicadas foi, sem dúvida, Varlin, de que passamos a dar algumas notas biográficas.

Luis Eugénio Varlin nasceu a 5 de Outubro de 1859, na aldeia de Voisins, comuna de Cloye do departamento de Seine-et-Marne (França). Ao saír da escola, aos 13 anos, seus pais mandaram-no para Paris aprender o ofício de encadernador, em que veio a ter reconhecida capacidade.

Aprendiz até ao fim de 1851, percorreu em seguida, como oficial, diversas oficinas parisienses, ao mesmo passo que fazia e sua instrução geral em cursos noturnos a por meio da leitura, a que se entregava sem descanso, e em 1834 entrou, na qualidade de contramestre, para a casa Despierres.

Sobrio, não bebia, nem fumava,—diz-nos Denaves. Tirava de si mesmo, de uma natureza generosa e de uma inteligência fertil, todos os seus excitantes. Parecia frio e era só reflectido. Falava pouco. Escutava com os olhos, tanto como com os ouvidos. Tinha êsse olhar penetrante que só o honesto pode sustentar. Como em sua mãe, da sua fisionomia irradiava a firmeza.

Fez as suas primeiras armas na sociedade dos encadernadores de Paris, para cuja fundação contribuiu em 1857 e que veio a reorganizar com a denominação de *Sociedade de solidariedade dos operários encadernadores de Paris*, em 1870. No mês de Agosto de 1864, por ocasião da última greve dos encadernadores parisienses, foi da comissão, graças à energia da qual êstes fizeram triunfar o principio do dia de trabalho reduzido a 10 horas. Fundou a sociedade de alimentação «La Marmite», cujos estatutos foram aprovados em assemblea geral de 19 de Janeiro de 1868. E foi em 1869 o secretário da *Câmara Federal das Sociedades Operárias de Paris*, que se pode chamar a primeira União dos sindicatos parisienses.

De um notável talento de organizador, a sua modéstia era tam grande como a actividade, que nunca deixou de empregar na luta operária.

Precursor do sindicalismo, como estas indicações deixam entrever, senão um dos seus primeiros militantes, escrevia em Março de 1870:—«As sociedades corporativas formam os elementos naturais do edifício social do futuro: elas é que poderão fácilmente transformar-se em assoações de produtores; elas é que poderão empregar a utensilagem social e organizar a produção».

Filiado na Internacional, logo no seu início, foi a alma da comissão parisiense da célebre Associação, cuja defesa fez no processo de Maio de 1868, e enfileirou-se entre os bakounistas.

Varlin fez parte da minoria socialista da Comuna, pela qual combateu nas barricadas até à última. Denunciado por um padre foi prêso na rua Lafayette, conduzido a Montmartre, e depois à rua das Rosiers, donde o levaram, num prolongamento de agonia, outra vez a Montmartre; aí foi fusilado a 28 de Maio de 18.1.

A Batalha publicará no seu número de ámanhã um interessante artigo de Varlim sob o titulo *As sociedades operárias*.

Na América do Norte

São processados e presos vários refinadores de açucar

BOSTON, 26.—Nos Estados Unidos foram processados e presos varios refinadores de açucar que vendiam o artigo por um preço ilegal e assambarcavam outras mercadorias com o fim de provocar a alta dos preços.—H.

NO TRIBUNAL DE ÉVORA

Prossegue o julgamento

Quarto e quinto dia de audiência — E' autoado o camarada Joaquim Candieira — Termina a inquirição das testemunhas

(Do nosso enviado especial)

EVORA, 25.—Na consciência pública, que imparcialmente, sem obedecer a quaisquer pressões, se tem pronunciado perante o julgamento a que no tribunal judicial desta comarca veem sendo sujeitos trinta e um homens, ali conduzidos, sob uma acusação infame, pelo ódio negro duma quadrilha de lavradores, está já lavrado o *veredictum*, que é absolutório.

Não há, de facto, uma criatura de claro raciocínio, animada por um franco sentimento de justiça, que tome a sério a acusação feita aos reus e, após o depoimento das testemunhas de acusação, que nada concretizaram, que não aduziram argumentos que pudessem comprometer os argüidos, a convicção de que se trata duma torpe vingança mais se arraiga, não hesitando já o povo em acreditar que os acusados saiam do tribunal de cabeça bem erguida, limpos da lama com que adversários sem escrúpulos os pretenderam atingir na sua honra.

Reabertura da audiência—Depõem as últimas testemunhas de acusação

A's 11,30 reabriu a audiência com a mesma *mise-en-scene* dos dias anteriores.

Depõe em primeiro lugar Joaquim José Bicho, que diz ter *ouvido dizer* que havia um grupo de malfeitores que praticava roubos em propriedades, mas isto depois dos acusados estarem presos, pois antes nada ouvira, assim como também nunca lhe disseram que esses roubos fossem feitos pelas criaturas que estão respondendo.

A testemunha José da Cruz Pintadinho não tem conhecimento dos crimes de que os reus são acusados. Ouvira dizer, porêm, a Joana Faria Pascoal que fôra praticado um roubo de borrêgos, mas nunca ouviu pronunciar os nomes dos acusados.

João José dos Santos Calmeirão declara que o patrão de Cipriano Balsa lhe dissera que numa noite lhe assaltaram a propriedade, o que depois lhe fôra confirmado pelo Balsa, ouvindo falar ainda noutros roubos, sendo até a testemunha uma das vítimas, não sabendo, no entanto, quem foram os assaltantes. Acrescenta mais que o patrão do Balsa lhe falou nuns tiros na ocasião dum assalto, tendo ficado um indivíduo ferido, que o mesmo patrão do Balsa julga que fôra o José Cavaco, por êste estar ferido numa perna, mas a testemunha, por essa ocasião, ouviu dizer que o ferimento tinha sido motivado por uma espingarda que se disparára ao José Cavaco. De resto, só depois da prisão dos acusados se dizia existir uma quadrilha.

Foi prescindida de depôr a testemunha Augusta de Jesus Povoas.

Segue-se Rosa de Jesus Teixeira, de Lisboa. Estando de visita, com seu marido, em casa de Domingos Canelas (Lagareiro), houve lá um roubo de batatas, tendo-se o proprietario queixado à guarda republicana, e que na noite seguinte áquele facto, estando deitada, ouvira tiros e gritos. Levantou-se e pouco depois, vira chegar o Póvoas prêso, no meio duma escolta, com um saco de batatas às costas. Que em casa do Lagareiro, o Póvoas confessára fazer parte duma quadrilha de que faziam também parte individuos que nessa altura acusou, assim como falou em diversos roubos pela mesma quadrilha praticados.

Norberto Augusto Rodrigues, marido da antecedente, confirma mais ou menos as declarações de sua esposa. Acrescentou, porêm, mais que o Lagareiro dera chá com bolos ao Póvoas... Preguntado se sabia ter a guarda batido nos restantes presos que ali se achavam na ocasião, diz não ter visto nada disso, mas que nem que o fizessem se admirava...

Tanto esta testemunha como a esposa, que foram largamente interrogados, quási pretendiam negar-se às preguntas do dr. Sobral de Campos, logo de principio, alegando terem dito já tudo que sabiam, com certo enfado, demonstrando uma má-vontade em prestar os esclarecimentos que pelo advogado de defesa lhes eram pedidos.

Começam a depôr as testemunhas de defesa

Depois de um curto intervalo, é chamada a primeira testemunha de defesa de Evaristo António Carrageta, António Dias dos Santos, que diz ter estado o acusado ao seu serviço durante cinco anos, verificando ser um homem honesto, admirando-se até de que esteja envolvido naquele caso.

A outra testemunha do mesmo acusado, Francisco José Ramos, faz idênticas declarações, abonando o bom comportamento do reu.

Seguem-se as testemunhas Manuel José Valente, António Joaquim Lopes da Silva, José Paulo da Costa e Carlos Augusto Souvage, de José Maria Carrageta. Todas dizem ser um homem honestíssimo, incapaz de praticar o crime de que o acusam, tendo a primeira afirmado que êle era seu quinteiro quando foi prêso e que não põe relutância nenhuma em toma-lo novamente ao seu serviço.

José Botas, José Maria Bonito e José Filipe, testemunhas do Póvoas, dizem que êste estivera por várias vezes ao seu serviço, portando-se sempre bem.

As testemunhas de José Manuel Leal, que são Manuel José Marcelino, Vicente José Madeira e José Costelas, afirmam conhecê-lo desde criança, ser um homem de bem, incapaz de praticar os actos de que o acusam.

Depõem depois José Rodrigues Alfaiate, Custódio Santa Catarina, Feliciano José dos Santos e Ventura Pereira, que abonam a honradez e o comportamento de José dos Santos.

Florindo Saúde e Gregório Torres, testemunhas de António Nobre, dizem que o conhecem desde pequeno, afirmando que sempre tivera uma vida limpa, não o julgando conivente no crime de que é acusado.

A testemunha Estevam Santa Catarina defende o acusado Joaquim Latas, que sempre considerou como homem honrado.

Joaquim Candieira, que depõe, é autoado

Depõe sôbre o mesmo reu a testemunho Joaquim José Candieira. Conhece-o como homem honrado, incapaz de praticar qualquer crime. Diz que em sua consciência a prisão daqueles homens é devida ao ódio de criaturas que assim se pretendem vingar, por a maioria deles fazerem parte da Associação dos Trabalhadores Rurais. Acrescenta constar que depois de se encontrarem presos, outros roubos se teem feito, mas que ninguêm sôbre o assunto tem dito nada, nem mesmo a imprensa local, que parece estar comprada, para poderem afirmar que os reus que ali estão é que eram os salteadores e que alguns dos acusadores na sua opinião, é que são os verdadeiros criminosos. Faz algumas considerações sôbre um dos queixosos, o Lagareiro, a quem atribui diversos factos, nada em harmonia com o papel que representa neste processo. O delegado do ministério público requereu para ser levantado um auto-notícia às declarações da testemunha.

Seguem-se ainda as testemunhas do mesmo acusado, Gil António e Joaquim Pardal, que abonam a sua honradez.

Feverónia Rosmaninho, Manuel Calmeirão, José Val de Ovelha e Joaquim Val de Ovelha, testemunhas de Florêncio José, dizem ser êste um homem honesto, bem comportado e incapaz de cometer o crime de que o acusam.

Segue-se António José Piloto, testemunha de Miguel Faria. Conhece-o desde 1911, sempre como homem honesto e honrado, não o achando capaz de capitanear uma quadrilha de malfeitores, de que é acusado. Julga que tal acusação é motivada pelo facto dele ser republicano desde o tempo da propaganda e defender a República quando ela tem corrido perigo, caindo assim sôbre êle o ódio dos contrários. E', além disso, amigo dos operários que costumam estar ao seu serviço, tratando-os como se tratam homens, assim como faz sempre bem a muitos trabalhadores no último quartel da vida. Assistiu a vários jantares em casa dêle, mas só apresentava na mesa o que a êle pertencia e não o produto de quaisquer roubos, acusação que aparece no processo! Nunca ouviu dizer, e repugna-lhe acreditar, que êle obrigasse criaturas a fazer parte da suposta quadrilha, como consta ainda da acusação. Pretendia esta testemunha falar em abôno de mais alguns acusados, mas não lhe foi permitido.

Carlos Ferreira da Silva, testemunha do mesmo acusado, diz te-lo conhecido sempre como um excelente carácter. Afirma que na noite de 12 para 13 de Junho ficára em sua casa e que êle também por vezes estivera na sua. Nunca ouviu falar na existência da quadrilha e muito menos que o acusado dela fizesse parte.

Depõem depois Manuel Cabeça, Manuel Joaquim Rosmaninho, António José Badagola e Manuel Joaquim Pintadinho, testemunhas de José Cebola, que afirmam ser o acusado homem honrado, e que não acreditam que êle praticasse o crime de que o acusam. A's preguntas sôbre se é costume tocar-se búzio, ou buzina, de noite e para que efeito, disseram que isso se faz para juntar os trabalhadores para os trabalhos e que a hora e local a que isso se pratica dependem da distância do lugar do trabalho. Também o toque da buzina se empre-

A rôlha

Foi ontem, mais uma vez, violentamente impedida de circular *A Batalha*. Razão dessa arbitrariedade: porque o não era há oito dias.

Não é esta a alegação da autoridade, mas a que ela aduz não colhe.

A Batalha é um jornal de intuitos opostos aos do govêrno—dêste ou de qualquer outro. Faz, como órgão que é da Confederação Geral do Trabalho a propaganda sindicalista, e como no nosso número de ontem, no desempenho da missão que nos cabe na imprensa, fizessemos essa propaganda, aliás em termos comedidos, embora dizendo o que sentimos, a censura—a censura que continua a exercer-se impunemente na polícia de segurança do Estado—impoz-nos uma rôlha

Regista-se

ga para anunciar bailes, horas de refeições nas quintas, etc., etc.

A seguir depõem José Carvalho e Anacleto Joaquim Torradinho, que abonam a honradez e a honestidade de Jesuino José Madeira, não o julgando capaz de cometer o crime de que o argúem.

O tribunal conserva-se sempre cheio de gente e as ruas por onde passam os acusados, no meio duma fôrça da guarda, continuam repletas.

A opinião unânime do povo eborense é que os acusados são vítimas de vinganças de inimigos, e até esta parte isso temos constatado, porque ninguém afirmou categoricamente, duma forma precisa, que eles tivessem praticado os crimes de que os acusam.

Terminou o depoimento das testemunhas de defesa

EVORA, 26.—C.—Reabriu hoje a audiência ao meio dia.

A esta audiência assistiu já o advogado de defesa dr. sr. Domingos Rosado, que até esta parte foi substituído pelo solicitador sr. Martins da Fonte.

Depõem José Rato e José da Guiomar, testemunhas de Jesuino Madeira, que era, à data da prisão, presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais, os quais afirmaram nunca ter ouvio falar na existência de quadrilhas, e que o acusado foi sempre um homem honrado e digno. Sôbre a utilidade dos búzios confirmam os depoimentos das anteriores testemunhas.

Manuel Mendes, Pedro Caitano Nunes e José Capa-Rôlas, depõem a favor de Gaudêncio Simões de Carvalho, dizendo que êste fôra sempre bem comportado e incapaz de praticar os actos de que é acusado, e que antes da prisão dos argüidos nunca lhes constou que houvesse qualquer quadrilha de salteadores, falando-se nisso só depois das prisões.

A seguir depõem António José Madeira e Francio Cebola, que atestam a honradez de Bonifácio Mira, não o julgando capaz da prática dos crimes de que o acusam. Sendo preguntados se depois das prisões dos acusados lhes constava ter havido roubos, respondem afirmativamente.

As testemunhas de Francisco Correa, que são Cipriano Marques, Manuel Joaquim Rosmaninho, David Imaginário e Teodora Augusto Graça, afirmam conhecê-lo há muitos anos já, como criatura honrada e cumpridora dos seus deveres, dizendo, paeguntados a êsse respeito, que os roubos teem continuado, e que ainda ontem houvera um.

Depõem depois Francisco José Rosmaninho, Serafim José Maneta, Torcato Rodrigues Val de Ovelha e Joaquim Martins Alves, testemunhas de Manuel Jorge, dizendo que foi sempre considerado por toda a gente, afirmando também que os roubos se teem sucedido, tendo a última das testemunhas sendo vítima de um ainda há pouco tempo.

Seguem-se Joaquim Marques Perdigoto, Honorato José Correa, Manuel Rosmaninho e Joaquim da Cruz Zambujinho, testemunhas de José Marques, que abonaram a sua honradez, confirmando o que as anteriores testemunhas disseram sôbre roubos depois das prisões dos argüidos.

Manuel Canhoto, José Borracha, João Baptista dos Santos e Luís Matias, depuzeram a favor de Manuel Conrelas, julgando-o incapaz dos casos de que é acusado. Só ouviram falar fá em quadrilhas depois das prisões, dizendo mais que os furtos teem continuado.

As testemunhas de Manuel Val de Ovelha, que são David José Pantoja, Fernando dos Santos Cabelo, António Rodrigues Pingas e António Joaquim Mira, abonam o seu bom comportamento, afirmando que só se falára na existência de quadrilhas depois das prisões, e que de então para cá mais roubos tem havido.

Depõem José Rasga, João Rasga, Alcides Salgueiro e Manuel Joaquim Ferreira, que afirmam a honestidade de Feliciano António de Abreu, julgando-o incapaz de praticar os factos de que é acusado. São unânimes em confirmar os depoimentos das testemunhas anteriores.

Manuel Valeriano, Joaquim Catrai a José Catraia, depõem a favor de Domingos José Candeias, produzindo declarações idênticas às outras testemunhas.

São ouvidos a seguir Manuel José Alfaiate, Augusto Zambujinho e Florindo Gomes Imaginário, afirmando que Joaquim Picanço foi sempre considerado como homem honesto, etc.

Sôbre António José Cavaco, depõem José da Silva Sesões, José Baltazar e Pedro dos Anjos que atestam a sua honradez, dizendo não conhecer a existência de quadrilhas, falando-se nisso só depois das prisões, e que tem continuado a haver roubos.

Seguem-se Victor Joaquim Canhato, Deodato da Conceição Correa, António Luís Patrão e Manuel António Bota Abaixo, que dizem ser António Joaquim Vieira considerado honesto por toda a gente. Dizem mais ter continuado a haver roubos, havendo sido até o primeiro vítima dum, ainda há pouco tempo.

As testemunhas de Joaquim Esturrado, que são Joaquim Baptista Ferreira, Joaquim Miguel, José Carrageta e Diamantino Carrageta, afirmam ser aquele um bom filho e um bom chefe de família, confirmando, quanto ao resto, as declarações das anteriores.

Na mesma ordem de ideas depõem, a favor de João José Leal, as testemunhas Miguel Sardinha, António Marques Leitão e António Lopes da Silva.

José Mósca Nunes, José Inácio Peres, Erminio José Augusto e Luís Fernandes de Abreu, garantem a honestidade de Francisco António Leal, não o julgando capaz de furtar. Afirmam terem continuado os roubos e a seguuda das testemunhas diz que há tempos, já depois da prisão dos acusados, fôra assaltada por um indivíduo embuçado, que lhe roubára a carteira, tendo ouvido dizer pouco depois a uma mulher que a curta distância do local estava um grupo de homens. Não podem garantir se os roubos que antes da prisões se fizeram foram praicados pelos acusados.

As testemunhas de José Cavaco, que são Manuel Salsinha, Francisco Azedo, Joaquim Dias e Marcelino Alfazema, atestam a sua honradez, declarando que o ferimento que êle teve numa perna fôra devido a ter-se-lhe disparado uma espingarda, facto que se deu em 8 de Dezembro de 1918, tendo eles sido quási disso testemunhas, porque ainda o chegaram a ver ensanguentado, tendo ao lado a espingarda partida, sendo até conduzido em carro para o hospital.

Joaquim António Amaral e José Inácio de Almeida, testemunhas de Francisco Domingos Rato; Estevam José Esturrado, Joaquim José Bicho e Roberto António Canha, de Francisco dos Santos Teixeira; António Joaquim da Silva, António Tomás, Serafim Augusto Cebola e António Vila Nova, de Vital José; José Santa Catarina, Crispim Romão da Silva, António Carrageta e Claudino José, de Francisco António Latas, afirmam a honradez e bom comportamento dos acusados que defendem, julgando-os incapazes de praticar os crimes de que os acusam e qae só ouviram felar em quadrilhas de salteadores depois da sua prisão,

Termina o depoimento das testemunhas — Os debates devem ser iniciados àmanhã

Ás 17,15 terminou o depoimento das testemunhas de defesa, devendo àmanhã, ás 11 horas, começar os debates.

Após os depoimentos das testemunhas de acusação e defesa, mais uma vez nos convencemos da falta de provas sôbre os acusados, sendo também esta opinião a da população de Evora, com excepção de meia dúzia de reaccionários que pretendem, decerto, ver aqueles trabalhadores condenados. Porêm, pouco falta para vermos o resultado desta causa, que já se torna célebre.

Por vezes, no decorrer da audiência de hoje, houve ditos espirituosos, que causaram hilaridade no auditório, como sucedeu com uma pregunta do delegado do ministério público, que desejava saber se nas quintas também se fazia a caça... aos *gambuzinhos*.

Isto e propósito da utilidade dos búzios, de que tanto se tem falado neste processo.

F. SOUSA.

C. G. T.

O Conselho Confederal reúne no dia 31

O comité confederal tem recebido, nestes últimos dias, comunicações de vários organismos, regularizando as suas adesões ao conselho confederal.

O comité espera que, até ao dia 30, lhe sejam enviadas as comunicações dos organismos que ainda não satisfizeram as indicações da circular n.º 1, para que o conselho confederal possa reúnir no dia 31, como já foi anunciado.

Mineiros de S. Pedro da Cova

Respondem no dia 31

Está marcado de novo para o dia 31 do corrente, o julgamento dos mineiros de S. Pedro da Cova, que como noticiámos devia ter-se efectuado no dia 29 do mês p. p. e fôra mais uma vez adiado, mercê da perseguição dos lavradores que juraram aos seus deuses fazer adiar todos os julgamentos, para assim os manterem indefenidamente na prizão, pois que bem sabem que se fôrem julgados lhes será dada a liberdade, que há muito lhes foi roubada.

Oxalá o julgamento se realize desta vez e o tribunal faça justiça às vítimas dos reaccionários daquele burgo, para que êles possam com o seu trabalho minorar a sorte dos seus filhinhos e de suas companheiras, que desde há meses teem sofrido as maiores privações.

A greve dos eléctricos

Apesar de todas as tentativas do pessoal para solucionar o conflito, ainda ontem não se conseguiu nada de positivo, parecendo que se pretende cansar os grevistas, para os obrigar a entregarem-se vencidos à Companhia, que quere continuar a servir mal o público e a explorá-lo.

A cidade manteve ontem o mesmo aspecto movimentado dos dias anteriores, tendo-se estabelecido diversas carreiras de *camions*, e feito excelente negócio os trens, *sid-cars* e os automóveis.

O pessoal em greve reúniu ontem à tarde na sede da sua associação, em grande número, e depois de se inteirar da marcha do movimento, deliberou entrevistar hoje a direcção da Companhia, da qual reclamará um aumento de salário que regula entre $80 e 1$60.

Delicto de propaganda

Responde àmanhã, sábado, no tribunal de Almada, o nosso camarada António Peixe, tesoureiro do Conselho Jurídico da C. G. T., argüido de ter feito propaganda dissolvente numa reünião de carácter operário em que há tempos tomou parte, na Trafaria. Será seu defensor o nosso amigo dr. Sobral de Campos, que, em virtude de ter de tomar parte nesta audiência não poderá seguir directamente de Evora, em cujo tribunal está assistindo ao julgamento dos trabalhadores rurais, para Beja, onde era aguardado, motivo porque só daqui a dias poderá seguir para a última daquelas localidades.

Greve dos operários alfaiates de Braga

A Associação dos Operários Alfaiates de Braga, que pouco tempo conta de existência, faz saber, por intermédio de *A Batalha*, que a classe que representa se encontra em greve, esperando que a solidariedade moral e material das outras classes a auxilie no seu movimento, pois os grevistas sofrem grandes dificuldades para sustentar a luta com o patronato.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Palma e Arredores—São convidados a reünir hoje, pelas 21 horas, a Comissão de propaganda e delegados à U. J. S. para tratar de um assunto urgente.

Núcleo das Artes Gráficas.—Afim de tratar de assuntos da mais alta importância para êste núcleo, entre eles a apresentação de trabalhos à assembleia próxima, convidam-se a reünir hoje, sem falta, as comissões de propaganda e administrativa.

Pede-se a comparência de todos os camaradas, sem excepção.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico da Construção Civil.—Reüniu terça-feira a assembleia geral para apreciar a situação de *A Batalha*, sendo resolvido lançar uma cotisação voluntária de 5 centavos por mês, contando-se com a boa vontade de todos os camaradas que sintam o pêso do jugo capitalista, para acorrer em defesa do nosso intrépido jornal, que nunca tem esmorecido, ainda nas horas mais críticas.

Resolveu-se ainda levar a efeito uma assembleia no dia 1 de Junho, para tratar da questão do camarada Manuel dos Santos e da atitude que veem tomando alguns camaradas do município, que pretendem reorganizar a associação dos operários do município, contrariando assim as resoluções do Congresso de Coimbra.

Resolveu-se manter as aulas que estão funcionando, até que seja apresentada o balancete da receita e despesa e manter permanentemente o secretário geral, para fazer a escrita do sindicato, com o salário ultimamente estipulado pela Federação.

Secção profissional dos serventes—Reüniu ontem, tratando de assuntos que se prendem com os camaradas serventes das obras particulares, onde se está atraiçoando o horário das 8 horas. Muito breve se deve realizar uma assembleia desta classe para tratar de não se trabalhar mais do que as 8 horas, regalia por nós há tanto tempo alcançada.

Esta secção aprovou mais 150 propostas de camaradas serventes que entraram para sócios, o que registamos com regosijo, porque demonstra o espírito de solidariedade dos serventes.

Cortadores—A comissão nomeada para tratar do aumento de salários comunica a todos os camaradas, aos quais ainda não lhe foram pagos os seus ordenados pela tabela aprovada, a fazerem as suas reclamações na sede da Associação de Classe, rua da Mouraria, 27, 1.º, todos os dias úteis, das 20 às 21 horas.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Terminou terça-feira a assembleia geral extraordinária, que a requerimento de quinze jovens sindicados tinha sido convocada a fim de apreciarem a atitude da comissão administrativa do Sindicato em face de um conflito suscitado entre os requerentes e a respectiva comissão, que julgando-se desacatada nas suas atribuições, fazia questão aberta, indo até ao pedido de demissão. A assembleia votou por maioria uma moção de confiança à comissão administrativa, dando-lhe plenos poderes para continuar superintendendo na administração interna do Sindicato, conforme lhe confia a letra dos estatutos.

A comissão de inquérito aos actos da comissão administrativa da secção de Palma e que foi eleita na assembleia transacta, depois de ter ido à sede da secção em cumprimento da sua missão, resolveu convocar uma assembleia geral na referida secção para a próxima terça feira 1 de Junho às 21 horas e para a qual convida a assistirem todos os metalúrgicos pertencentes àquela secção.

Nesta assembleia será discutida e apreciada a forma de como à defesa dos interêsses dos metalúrgicos de Palma e Arredores se deve dar o maior desenvolvimento e acção à referida secção, nomeando-se novos corpos gerentes.

O secretariado preveniu todos os sindicados que para melhor regularisação, já na próxima semana começa a ser feita a cobrança por um só camarada que para êsse fim percorrerá, durante os sete dias da semana, as residências dos sindicados, esperando-se, porêm, que todos os camaradas correspondam no sentido de se poder acabar com as constantes reclamações que sôbre falta de cobrança são enviadas para o sindicato.

Para tal fim, torna-se preciso que os sindicados deixem a importância das cotas nas suas residências, para que a missão do cobrador resulte proficua.

Previnem-se todos os cobradores que devem, até sábado, vir ao sindicato a fim de ultimarem as suas contas com a comissão administrativa e fazerem entrega dos verbetes e mais expediente que tenham em seu poder.

Litógrafos e Anexos.—Reüniu a direcção, juntamente com os delegados de várias oficinas, e entre outros assuntos de interêsse apreciou, com grande satisfação, a disciplina sindical da classe, correspondendo a o apelo feito pela direcção, para auxiliar o jornal *A Batalha*, pois houve uma grande parte de camaradas que correspondeu com a cota mensal, além do estipulado pela direcção, dando assim uma prova de grande consciência e dos grandes sacrifícios que estão dispostos a fazer pelo nosso órgão *A Batalha*.

Tratou-se do benefício a realizar no próximo mês, na Caixa Económica Operária, ficando marcada para àmanhã uma reünião, às 15 horas, no local combinado.

Sindicato Unico da Construção Civil de Almada.—Apreciou o novo horário de trabalho nas obras do Alfeite, protestando contra o facto da junta autónoma estar obrigando os serventes a trabalhar 11 horas, quando foram despedidos por motivo da greve para cima de 700 operários que trabalhavam nas obras. Foi resolvido oficiar à Federação para tratar dêste caso.

Sindicato Unico Mobilário.—*Comissão administrativa.*—Tomou conhecimento da prisão do camarada Raúl de Vaz, pelo *grande crime* de estar lendo o jornal *El Sol*, nomeando uma comissão que junto do director da polícia de segurança do Estado foi tratar da sua libertação.

Esta comissão na reünião que ontem celebrou, principiou confeccionando o balanete correspondente ao primeiro trimestre, que só os factos anormais sucedidos, originaram êste atraso.

Tomou conhecimento pelo cobrador geral dum facto suscitado pelos cobradores auxiliares Guilhermino Anselmo e Epitácio Anselmo, resolvendo convidá-los a comparecer hoje, sem falta, às 21 horas, esperando que esses camaradas não forcem esta comissão a apresentar o caso em assembleia.

Bôlsa de Trabalho e Caixa de Solidariedade.—Reüniu a comissão desta secção, tratando de sua montagem e resolvendo que as futuras reüniões ordinárias se efectuem às terças e sextas feiras. Lembra a comissão aos componentes do sindicato a conveniência de sempre que tenham de comunicar para esta secção qualquer caso para subsídio, o façam por escrito e acompanhado da caderneta confederal.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários—São por êste meio convidados todos os vogais operários junto do tribunal dos Arbitros Avindores e do tribunal dos Acidentes do Trabalho para um assunto muitíssimo urgente, que hoje deve ser tratado às 20,30 prefixas, na sede dêste organismo.

Federação Nacional da Construção Civil—Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Federal, a fim de tratar de assuntos da máxima urgência, pedindo-se a comparência de todos os delegados.

Sindicato Unico da Construção Civil—*Comissão de Melhoramentos*—Reúnem hoje, pelas 20 horas, todos os delegados a esta comissão.

Previnem-se os camaradas João Gomes e Alberto de Almeida a estarem hoje, na sede, pelas 12 horas, a fim de acompanharem os camaradas do bairro social da Ajuda ao Conselho de Administração dos Bairros Sociais.

Comissão administrativa da sede—São convidados todos os tesoureiros dos organismos instalados na sede a reünirem hoje, pelas 20 horas, para assuntos muito urgentes.

Secção Profissional dos Pintores da Construção Civil—Reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, para um assunto urgente.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante—Reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reúne hoje a comissão administrativa, conjuntamente os membros da caixa de solidariedade, a fim de se tratar não só de assuntos administrativos, como da situação de camaradas presos.

Convidam-se a assistir a esta reünião os membros do comité da última greve, para se normalizarem contas dêsse movimento, que precisam ser descriminadas na respectiva escrita do sindicato.

Operários de Limpeza e Sanidade Pública.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, para assuntos da máxima importância e urgência. Pede-se a comparência de todos os membros da comissão e ao camarada Raul da Silva Formiga que venha falar à mesma. Os camaradas tesoureiro e vice-tesoureiro também devem comparecer.

Sindicato Unico Mobiliário.—Resolveu convocar a assembleia para hoje, às 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: resolver sobre o 1.º congresso nacional corporativo e sôbre o auxílio a prestar aos gráficos, e apreciar uma proposta para aumento de cota e o balancete do 1.º trimestre.

Caixa de Solidariedade e Bôlsa de Trabalho.—Convidam-se os membros desta comissão a reünirem hoje, sem falta, às 21 horas.

Ferroviários do Sul e Sueste.—Em assembleia magna, reúne hoje esta classe, pelas 20 horas, no teatro Cine Barreirense, para tratar da sua situação económica.

ULTIMAS NOTICIAS

As greves em Espanha

A agitação dos grevistas padeiros continua

MADRID, 26.—Está virtualmente conjurado o conflito suscitado pela falta de pão. Os padeiros distribuem pão em abundância, sem bichas, mas os grevistas continuam a apedrejar os estabelecimentos; ontem foram partidos mais de 200 vidros. Durante a noite um grupo de homens armados tentou assaltar uma fábrica de farinhas, situada num bairro excentrico; as tropas que estavam de guarda à fábrica tocaram tiros com os assaltantes, sem outro resultado além do grande alarme que se produziu no bairro.—H.

Os padeiros parece que retomam o trabalho

MADRID, 26.—Os padeiros grevistas aceitaram a formula de transacção proposta pelo ministro do interior, devendo voltar ao trabalho à meia noite.—H.

As bombas continuam a explodir.—Quem as lança?

VALENCIA, 26.—As greves continuam. Em conseqüência da bomba que rebentou no Café Suiço, morreu um dos feridos e outro está a expirar. No interior dum cinematografo foi encontrada outra bomba, carregada de dinamite e metralha, mas a mecha apagou-se. Num intervalo do espectaculo, no teatro Apolo, rebentou outra bomba, mas como os espectadores estavam ausentes não houve desgraças, mas o pânico resultante fez com que grande número de pessoas ficassem feridas. As autoridades mandaram terminar o espectáculo.—H.

Quatro condenações à morte e duas a prisão perpétua

BARCELONA, 27.—A sentença do tribunal que julgou os assassinos dos guardas civis, condena quatro à pena de morte, dois a prisão perpetua e absolve cinco.

Está restabelecida a normalidade, mantendo-se contudo todas as greves antigas.—*Rádio.*

Mais uma província em estado de sítio

MADRID, 27.—Foi proclamado o estado de sítio em toda a provincia de Guipascoa. Correm boatos de que se prepara em Barcelona uma nova greve geral, mas o govêrno supõe que tais boatos não teem visos de verdade. O govêrno mostra-se disposto a examinar a questão da socialização da industria do pão a fim de evitar novas greves.—H.

Manifestações contra a guarda civil e a polícia

S. SEBASTIAN, 26.—A greve geral estende-se a toda a provincia. Fecharam todos os estabelecimentos como protesto contra o governador civil. O Conselho Municipal, em sessão extraordinária, decidiu pedir ao governador civil para mandar retirar a guarda civil e polícia que guardam as ruas e organizou uma manifestação que com os membros do conselho à frente se dirigiu para o palácio do governador. A guarda deteve a manifestação, disparando alguns tiros, que feriram 4 manifestantes. A Casa do Povo foi encerrada por ordem do governador civil.—H.

Manifestações tumultuosas em San Sebastian—O estado de guerra

MADRID, 27.—Notícias oficiais de San Sebastian dizem que uma grande manifestação, à frente da qual se encontrava a câmara municipal, se dirigiu ao palácio do govêrno civil a fim de pedir a destituição do governador.

A manifestação encontrou, porém, um piquete de gendarmaria a embargar-lhe o passo, mas tendo à frente da manifestação conseguido romper o piquete, ouviram-se gritos contra os gendarmes, pelo que estes carregaram sôbre os manifestantes, sendo disparados alguns tiros de um e outro lado, ficando morto um dos manifestantes e feridos gravemente 7 manifestantes e 3 gendarmes.

A manifestação organizou-se de novo e chegou ao govêrno civil, onde se ouviram gritos de abaixo o governador. As autoridades, que reuniram pouco depois dêstes acontecimentos, resolveram proclamar o estado de guerra.—H.

Lá fora desce, cá sobe...

A carestia da vida teve uma descida súbita na América e na Inglaterra—Porque seria?

PARIS, 27—Telegrafam de Londres dizendo que os jornais dedicam extensos artigos à persistente descida de preços, especialmente à importante baixa de fretes das conservas, manteiga, aves, peixe e carne de carneiro. O movimento das baixas nos Estados Unidos precede aquele que se nota em Londres.

Entre os artigos fabricados, o calçado é que já diminuiu de preço. A descida do preço da lã em bruto faz prever a descida dos fatos. O custo dos artigos de algodão também diminuirá, pois o preço do algodão em bruto sofreu ontem uma nova descida em Liverpool. O algodão do Egito cotou-se ontem a 5 shillings por libra (454 gramas) mais barato do que em Fevereiro e essa descida terá, segundo dizem numreosos técnicos uma repercussão noutros muitos artigos.

No sábado, em Chicago, o algodão pata as entregas do corrente mês, baixou 356 pontos, e o trigo, pão e açúcar tambem tiveram cotações mais baixas.—*Rádio.*

O «Matin» confirma a descida. Andará coisa no ar?

PARIS, 27—O «Matin» escreve: «Um movimento de ampla descida acaba de se manifestar nestes últimos dias na América, na mór parte das mercadorias: trigo, café, açúcar, algodão, etc., principiando êste movimento a repercutir-se em todos os mercados do mundo, Chicago, New-York, Liverpool, Havre, etc.

O café baixou no principio da semana cinco cêntimos em libra (454 gramas) cousa até aqui não vista. O algodão acaba de baixar no Havre 14 francos por 50 quilos, depois de uma baixa anterior da mesma importância. As causas, são as restrições que compradores se impõem na presença dos preços elevados, a impossibilidade de fazer operações comérciais por causa do câmbio e à perspectiva de que a colheita de trigo francesa seja suficiente para o consumo da França.—*Rádio.*

A agitação irlandesa

Contra ela estão prontos a marchar oito batalhões

LONDRES, 26.—O *Daily Graphic* diz que estão preparados oito batalhões para marcharem para a Irlanda.—H.

Continuam os incendios

DUBLIN, 26—Produziram-se novos incendios no Palácio de Justiça, quarteis e casas particulares.—H.

NA ITÁLIA

Graves conflitos entre os operários e a polícia

PARIS, 26.—Os jornais publicam notícias de Roma, dizendo que rebentou a greve geral em Carnica e Friul, com o fim de protestar contra a lentidão do govêrno em solucionar os conflitos pendentes. Também se declarou a greve em Palermo, onde se deram disturbios e conflitos graves entre a polícia e os manifestantes que tentavam assaltar os estabelecimentos. Há um morto e sete feridos.—H.

PELO MÉXICO

Vila tem ordem de prisão

NEW YORK, 27.—As fôrças revolucionárias ordenaram a captura do general Villa, por se não ter submetido às autoridades mexicanas.—*Rádio.*

TEATROS & CINEMAS

Primeiras

NACIONAL—*Fédora*, *peça em 4 actos, de Victorien Sardou.*

Foi brilhantissima a festa de Palmira Bastos, ontem realizada no Nacional, com a *Fédora*, de Sardou. Não permitem nem o espaço nem a hora adiantada a que o espectáculo terminou, que façamos uma grande resenha da noite de ontem e, por isso, limitar-nos emos a consignar como um autêntico triunfo a interpretação dada pela homenagenada à difícil personagem. Palmira foi incontestavelmente uma actriz formidável, da primeira à última scena, e êste seu trabalho dá-lhe jus aos mais merecidos aplausos.

E' uma actriz que estuda, que progride mais e mais, se é possivel, não sendo exagerado afirmar que não se representa com mais verdade nem com mais talento, em parte alguma. Não foi esquecida a mais insignificante minúcia, o mais íntimo pormenor—perdão, o relógio de pulso, por onde vê as horas, no 5.º acto, é imperdoável numa artista com o seu nome.

Afora êste pequeno senão, o seu trabalho foi simplesmente primoroso, colhendo também fortes aplausos pela forma como representou a sua parte o inteligente actor Rafael Marques.

Todo o desempenho, de resto, foi correctíssimo por parte de todos, entre os quais é de justiça dizer Brazão, Maria Pia e Cafazzans, merecendo as melhores referências a bela encenação de Inácio Peixoto. No final do espectáculo, uma comissão de senhoras fez uma carinhosa manifestação de apreço a Palmira Bastos, sendo-lhe por essa ocasião colocado ao peito um lindo colar.

SÃO LUÍS—*Moinhos que cantam, opereta em 3 actos, musica do maestro Van Cost.*

Não diz o cartaz quem são ou quem é o autor do libreto da peça que, em récita da actriz Cremilda de Oliveira, se representou anteontem pela primeira vez no São Luís. Não diz nem se perde nada com isso, porquanto o entrecho dos *Moinhos que cantam* é tudo quanto há de mais pueril, de mais ingénuo e até de mais monótono. Se não fôra o respeito e a consideração que o nome da homenagenada merece ao público cremos bem que êle teria mostrado de forma ruidosa o seu desagrado. O prestígio de Cremilda travou-lhe os impetos e êle pôde ouvir até ao fim quási silencioso. Esta opereta chega a parecer-nos, por vezes, uma revista de costumes holandeses, tanto os seus tipos e os seus hábitos ali são retratados e apresentados a cada passo. A música é boa, muito boa mesmo, e deixa-nos ficar a impressão de que os seus intérpretes não conguem salientar-lhe todas as belezas, deixando-as ocultas. Cremilda representou razoàvelmente o seu papel, mas não o cantou como êle requeria, o mesmo sucedendo a Sales Ribeiro, que demonstrou, todavia, bastante vontade de acertar. Irene Gomes, sem voz adequada para cantar a sua parte, defendeu-se como pôde, fazendo-a muito discretamente, e António Gomes, menos mal caracterizado, nem sempre agradou como actor, pois quanto à encenação não há nada a notar-lhe. Vasco Santana detalhou bem a sua personagem, que pouco tem para cantar. Quem decididamente não agrada é João Silva, que pode fazer muito bem *compères* de revista, mas que está muito abaixo da craveira exigida para um actor de opereta. Matias de Almeida regular, e quanto às duas actrizinhas que desempenham os papéis de *Kate* e *Petrus*, foi muito infeliz a sua escolha, porque contribuiram bem para aborrecer-nos quando estão ali justamente para não deixar que os outros nos aborreçam. O scenário é bonito, especialmente o do último acto.

Em resumo: *Moinhos que cantam* está muito longe de ser um êxito. E é pena. A musica merece-o.

A. L.

Reclames

A graciosa revista *Paz armada* é um monumento de graça e de piada. Quem duvidar vá ver hoje. Tomás Vieira canta hoje uma nova cançoneta.

—Não há forma de contrariar o público. Em êle teimando a sua teima é que vence. E como teimou em encarreirar para o Eden para ver a revista *Negócio da China*, as enchentes repetem-se.

—Com a remodelação que lhe foi feita, e com a ampliação do quadro *O sonho do Baptista*, o *Paml* remoçou e tam cedo não abandonará o cartaz do teatro Apolo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21—«Fedora».
S. LUIZ—A's 21—«Moinhos que cantam».
GINASIO—A's 21,30—«Domingos côr de rosa».
TRINDADE—A's 21—«A Paz Armada».
POLITEAMA—A's 20,45—«Amigo de Peniche».
AVENIDA—A's 21—«O João Ratão».
EDEN—A's 21,15—«Negócio da China».
APOLO—A's 221,15—O novo quadro «O Sonho do Baptista», ampliando a revista «Paml».
SALÃO FOZ—A's 21—Variedades.
COLISEU DOS RECREIOS—Companhia lirica.
ANJOS—A's 21—«A grande bicha».
OLIMPIA—Animatógrafo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatógrafo e concerto.
CHIADO TERRASSE—Animatógrafo e concerto.
SALÃO DA TRINDADE—Variedades e animatógrafo.
SALÃO PORTUGAL—A's 20 horas—animatógrafo.

Um Congresso

Abre hoje o dos professores primários superiores

Na Associação do Registo Civil, no Largo do Intendente, realiza-se hoje, pelas 13 horas, a 1.ª sessão do Congresso dos professores das escolas primárias superiores.

SINDICATOS da PROVÍNCIA

Sindicato Único da Construção Civil de Oeiras.—O secretário adjunto convida o Conselho administrativo e a Comissão de melhoramentos, a reünirem hoje, pelas 21 horas, para tratar de assuntos urgentes e graves para a organização em geral e em especial para a C. C.

COLUNA ESPERANTISTA

Portugala Laborista Esperanto Federacio.—Reüniu o Conselho Federal resolvendo aumentar o preço do jornal *Laboro* para $10 centavos cada número; promover uma sessão de propaganda na Associação dos Fabricantes de Armas, ao Campo de Santa Clara, no dia 3 de Junho; organizar um picnic em Oeiras, realizando uma sessão na Associação local; convidar todos os membros dêste conselho a comparecerem amanhã na sede, rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, para se fotografarem. Continuam abertos os cursos em todas as sociedades.

Teatro da Trindade S. T. L. Empresa Taveira
Companhia Carlos Leal

Exito — Hoje Ide vêr! Hoje

Sabei povo de Lisboa! Todas as noites para a **Paz Armada** há «camions» e tipoias de toda a parte da cidade e as enchentes teem sido enormes!

Unico! — Hoje não há melhor

HOJE: Pelo actor Tomás Vieira a cançoneta brasileira
O MALANDRO DA SAUDE

Teatro dos Anjos
HOJE—21.ª Representação—HOJE
A mais bela revista
A GRANDE BICHA
Todas as noites sucesso de gargalhada com o Zé Capecete e estrondosas ovações aos tados cantados pelo talentoso tenor português ERNESTO SILVA.
PREÇOS POPULARES
A's quartas feiras bonus de 50 % a todos os associados da *Voz do Operário*.
PREÇOS DESDE 1$50 a $20

«Bandeira Vermelha»
Está publicado o número desta semana, quatro páginas, com detalhado noticiário sôbre a Russia. Redacção e administração, rua do Arco do Marquez de Alegrete, 30, 2.º

A CATEDRAL
Romance de arte social, original do camarada
Manuel Ribeiro
300 pags. — 1$50
A' venda na administração de A BATALHA

Fundição Tipografica
"A Funtipo,,
P. Gini—Director Técnico
Instalações rapidas para jornais e tipografias de luxo
Escritório e Depósito
R. Nova da Piedade, 60, 2.º-Dt.º
22 Telefone C.—4329

Fósforos
Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:
No norte do País, aos Revendedores Gerais:
Alves Macedo & Borges, S.res 249
67, Rua do Bomjardim, 69—PORTO
No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:
Nogueira Marques & C.ta
Rua da Alfândega, 92—LISBOA
sendo os preços por caixote de 3:600 caixinhas (25 grozas):
Fósforos de enxôfre 36$00 ou $01 por caixinha; ditos Amorios, 72$00 ou $02; ditos de Cera Comum, 72$00 ou $02; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36$00 ou $04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27$00 ou $03 por caixinha, com o desconto legal de 10 0|0, seja qual fôr o número de grozas pedidas.
Quaisquer queixas àcêrca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

A' Rapaziada!!!
As valentes e pêras!
Botas prêtas, para homem, a 13$75, 15$25 e 16$75.
Botas brancas, **As Valentes**, a 13$75.
Botas Prêtas, **duas solas**, a 16$75.
Sapatos, para senhora, a 11$50, 14$50, 15$00 e 16$00.
Grande variedade de calçado para criança, e de luxo para senhora.
Para a frente é que é!!! Venham ver os nossos prêços!
Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Noticias».
SAPATARIA S. ROQUE
16, Largo Trindade Coelho, 17
(Antigo Largo S. Roque) 27

Electricidade
Instalações eléctricas de luz, campainhas, fôrça motriz, pára-raios, telefones, elevadores, gaz e água. (134)
Orçamentos gratis
62-A, Rua D. Estefânia, 62-B
Carlos Costa

O verdadeiro moinho "AERMOTOR" 104
Novo modelo americano, com engrenagem e tirantes duplos lubrificados automàticamente com oleo
Este moinho extrai água a qualquer profundidade bem como na elevação; podem também ser adaptados para moagens e para fôrça motriz.
Pedir nosso catalogo para esclarecimento.
Executam-se trabalhos de serralharia civil e mecânica, bombas e encanamentos sejam estes quais fôrem.
Orçamentos grátis
JUSTO, SANTOS & THIMOTEO, L.da
Tr. do Rosário, 10-A (à Praça da Alegria)

JANOTAS????
Sejam económicos!!!
Como vestir bem e barato??
Só na ALFAIATARIA JANOTA.
Onde se viram fatos e sobretudos ficando como novos, baratos e no rigor da moda. Especialidade em obra de cinto, variado sortido de fazendas a preços resumidos.
Aceitam-se fatos a feito.
Rua do Sol ao Rato, 215, loja e 3.º andar, esquina S. João dos Bemcasados.—(Eléctrico à porta, carro da Estrêla)—Postal a S. Madeira. (125

CLINICA DENTÁRIA
BARROS MARINHAS
Extracções dentes por anestesia especial. Colocação dentes fixos e com placa.
25—Rua da Assunção—25
(Esquina da R. da Prata)

Companhia de Papel de Gois
Ponte de Sotam-Gois
FABRICA toda a qualidade de papeis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almaços, coquiles, escrita, impressão, assetinados, capas e carta, bem como papeis de fabricação especial
Lisos e pautados
Agente e depositário geral
A. B. dos REIS
52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfandega, Porto—Tel. 2.192

Seguros Sociais Obrigatórios
Contra desastres no trabalho
Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSÓRCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.
LISBOA, RUA IVENS, 49 —
PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222 — 82